



OS 50 ANOS DA A³P

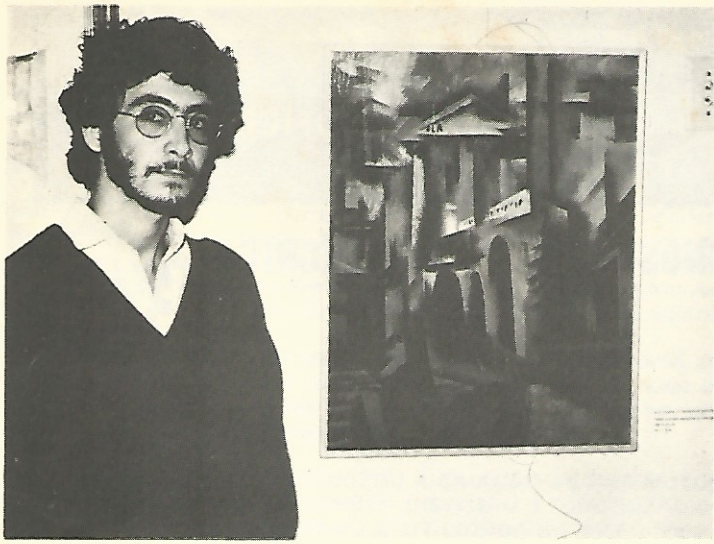
Às dezoito horas do último dia 3 de maio, teve início no Salão Nobre da Congregação, no vetusto prédio da antiga Escola Nacional de Engenharia, no Largo de São Francisco, o ato solene programado para comemorar o cinquentenário de vida que nossa querida Associação completava naquela data. Presidida pelo Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, representado no ato pelo Diretor da Escola de Engenharia, Professor Hugo Cardoso da Silva (e nosso ex-Presidente), a Mesa foi ainda integrada pelos Engenheiros Nestor de Oliveira, Presidente da nossa Associação, Octávio Cantanhede, representante do Presidente do Clube

de Engenharia, Athos de Oliveira Ramos, Presidente da Câmara de Estudos Brasileiros da UFRJ e atual Coordenador do Forum de Ciência e Cultura da mesma Universidade, Lindolfo de Carvalho, Presidente do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, Maurício Mattos Peixoto, Presidente da Academia Brasileira de Ciências, Wilson Ribeiro Gonçalves, Presidente da Federação Brasileira de Associações de Engenharia e Sydney M. Gomes dos Santos, Conselheiro da A³P e Orador Oficial da solenidade.

Com a entrega dos Certificados de Aproveitamento do "Curso de Especialização Sobre Instalações Prediais – Módulo I – Instalações Hidráulicas", e os de Declaração de Freqüência do "Curso Sobre Economia e Gestão de Construção de Edifícios", patrocinados pela Entidade, foi a sessão iniciada.



Luiz Guilherme Vasconcelos Baptista recebe seu prêmio do Presidente da Academia Brasileira de Ciências, Prof. Maurício Mattos Peixoto, sob as vistas dos Professores Otávio Cantanhede e Hugo Cardoso da Silva.



Luiz Guilherme Vasconcelos Baptista, quartoanista da Escola de Belas Artes da UFRJ, obteve, por unanimidade do Júri, o maior prêmio de aquisição — Cr\$ 70.000,00 — oferecido pela Academia Brasileira de Ciências, como homenagem ao prédio em que teve sede por muitos anos.

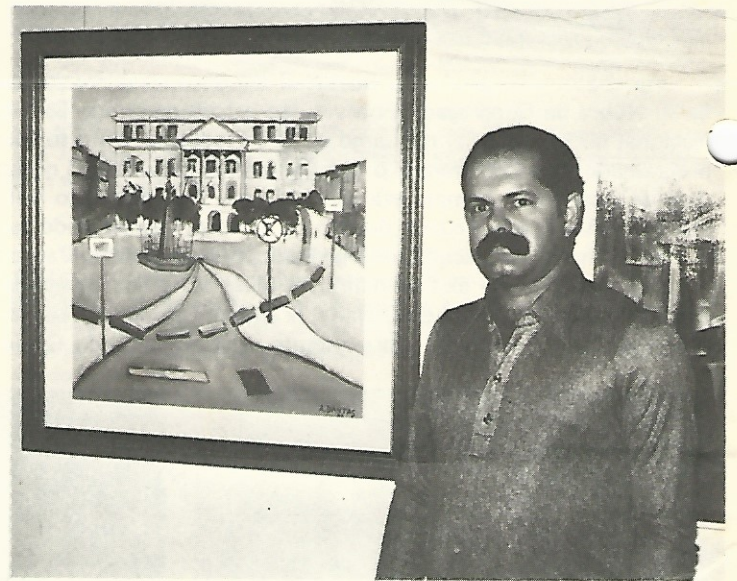
Ainda ecoavam aplausos da platéia aos cursandos, quando, em breves palavras, o Presidente da Associação fez um pequeno retrospecto da Gincana Artística realizada dois dias antes, dentro das comemorações do cinquentenário da Entidade, para cujo sucesso havia a Diretoria da A³P contado com o valioso apoio da Academia Brasileira de Ciências, do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (do Conselho Nacional de Pesquisas), do Clube de Engenharia e das conhecidas Empresas Servenco e Tecnosolo, através da instituição de prêmios de aquisição, em espécie, com a entrega solene, juntamente com a de outros de natureza honorífica — medalhas de ouro, prata, bronze e menções honrosas — programada para ser procedida naquela sessão.

Na ordem de chamada, foram os artistas laureados se sucedendo até a Mesa onde, homenageados por seus integrantes, receberam os respectivos prêmios, em meio às mais merecidas palmas de todos os presentes.

Atingiu a sessão seu ponto culminante, na interessante conferência proferida pelo Professor Sydney M. Gomes dos Santos, sobre o tema "Os Ex-Alunos da A³P", em que focalizou, com riqueza de detalhes, a vida dos ex-alunos de nossa veneranda Escola, desde os seus primórdios. A conferência do Orador Oficial, fruto, sem dúvida, de árdua e cuidadosa pesquisa histórica, não

poderia ficar circunscrita, apenas, ao conhecimento daqueles que tiveram a ventura de assistir à apresentação feita pelo próprio autor. E foi, exatamente, com o objetivo de beneficiar toda comunidade "atrespiana" com tão bela página da história, ainda como alunos, de grandes vultos da engenharia forjados em "nossa Politécnica", que obtivemos do estimado Professor Sydney autorização para publicar na íntegra sua Conferência, cuja transcrição, iniciada no presente número, será complementada nas duas próximas edições do periódico.

Após a sessão solene, em que a assistência teve oportunidade de ouvir, no encerramento, os breves mas entusiásticos pronunciamentos do Presidente da Associação, Engenheiro Nestor de Oliveira, e do Diretor da Escola de Engenharia, Professor Hugo Cardoso da Silva, todos os presentes foram convidados a participarem, na Sede Social da A³P, da inauguração da exposição das obras premiadas na Gincana Artística e do coquetel em regozijo ao cinquentenário da Entidade, que reuniu, sócios e convidados, numa bela e agradável festa de confraternização, envolvidos pela natural alegria decorrente da efeméride festejada.



O 2.º prêmio de aquisição — Cr\$ 60.000,00 — oferecido pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada do CNPq foi concedido ao pintor, também advogado, Armando Pereira Dantas. Seu trabalho, despojado e de sóbrio colorido, é marcado pela contemporaneidade; a profusão do "gelo baiano" e sinais de tráfego impedem o acesso à Escola, cuja ar de abandono se reflete no título da obra — "Antiga Escola Politécnica".

Íntegra da Conferência Proferida pelo Prof. Sydney Martins Gomes dos Santos na Sessão Solene Comemorativa do Cinquentenário de Fundação da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica

OS EX-ALUNOS DA A³P

por Sydney Martins Gomes dos Santos

O tema desta exposição é, certamente, o que mais ligação tem com a natureza própria da instituição a que todos pertencemos, e cuja fundação comemoramos com júbilo: o *ex-aluno*. Não nos limitaremos, porém, ao período da Escola Politécnica: abordaremos três fases:

- I) antes da Politécnica;
- II) na época da Politécnica;
- III) na fase posterior à Politécnica.

Desde já enalteço o papel do ex-aluno, pois é através dele que iremos identificar aspectos importantes da formação nacional, sua evolução sócio-política e econômica.

Em resumo: é com ele e por ele que muita coisa de nossa história se fez. É ele elemento de uma das íntegrais, em que as parcelas terão tido ações modestas e grandes ações de todos os homens que por aqui passaram, desde quando, como Academia Militar, os fins marciais eram praticamente exclusivos, ainda que desde o início, alguma engenharia civil se encontrasse embutida nos currículos.

Começando pela Academia de D. João VI, lembremos que seus primeiros diretores e professores não foram obviamente antigos alunos, mesmo porque sua formação se fazia mais na tropa, sem prejuízo das "Aulas de Fortificação e Artilharia", onde se ministrava a complementação teórica, desde o século XVII. Como exemplo, citemos o tenente-general Francisco de Paula Vasconcellos, nomeado diretor da Escola Militar em 17 de junho de 1847, que principiou sua carreira militar assentando praça no Regimento de Artilharia do "reino de Angola". Nossas ligações com essa antiga colônia, vinham desde Estácio de Sá. Quando em 1962, nas Segundas Jornadas Luso-Brasileiras, nossos engenheiros visitaram Luanda, encontraram fortificações remanescentes da época em que patrícios nossos lá estiveram em ação.

Embora não tenha sido ex-aluno, Francisco de Paula e Vasconcellos foi seu professor desde a fundação; sua atuação como diretor foi das mais proffcuas, terminada com sua morte aos 72 anos. Bem cabe aqui uma homenagem a esse militar e mestre, que ocupou comandos importantes, foi inspetor do Arsenal de Guerra, conselheiro de Guerra e vogal do Conselho Supremo Militar e que, como comandante das armas da Corte, foi substituído por Caxias em 1842. É uma honra que ele possa ser lembrado como antigo diretor, pelo muito com que contribuiu para a instituição e para o país.

Antes da independência, exatamente de 1811 a 1822, 15 ex-alunos atingiram o generalato, e vários outros vieram a ser professores e diretores da Escola. Foram diretores os generais Firmino Herculano de Moraes Ancora, João Paulo dos Santos Barreto e José Maria da Silva Bittencourt, todos eles após a independência, todos com atuação profissional e no ensino. Mas a primeira demonstração do que pode significar um ex-aluno dessa primeira coleção de 15 generais, alunos ainda no Brasil colônia, encontra-se no grande nome de Luiz Alves de Lima e Silva, Barão, Conde, Marquês e Duque de Caxias. Não cabe aqui rememorar tudo que a nacionalidade lhe deve, consolidador do império, e vencedor de guerras externas e internas. Mas enfatizamos a afirmativa inicial: é nos ex-alunos que o país viveu e usufrui os grandes fatos de sua história.

Este texto irá confirmando essa assertiva, válida desde a primeira hora de vida da instituição. Para evidenciar a contribuição civil, mesmo na fase essencialmente militar, citemos que ex-alunos foram também Francisco de Sales Torres Homem, o Frei Custódio Alves Serrão e o Frei Pedro de Santa Mariana, preceptor de D. Pedro II; este também dirigiu a instituição, de que era professor.

Depois de Raimundo José da Cunha Matos, português de Faro, e diretor da Academia Militar a partir de 12 de abril de 1834, quase todos os diretores foram ex-alunos e brasileiros natos. José do Nascimento Brito¹ inclui Raimundo José da Cunha entre os 42 ex-alunos, matriculados em 1812. Dessa relação, nove foram mais tarde diretores da Academia; nela se incluem os dois freis citados e mais os seguintes que merecem referência: José Pedro Nolasco Pereira da Cunha, Pedro d'Alcantara Belegarde, Manoel Felizardo de Souza Melo e o grande José Maria da Silva Paranhos, futuro ministro, professor, diretor, reformador e estadista, Visconde do Rio Branco.

Em Paranhos, como em vários dos ex-alunos, se reconhecem sobrenomes de família que chegaram até nós, em figuras militares ou civis de escol: Moraes Ancora, Silva Bittencourt, Lima e Silva, Garcez, Pereira do Lago, Alcântara Belegarde, Silva Torres, Alvim, Burlamaqui, Santos Barreto, Costa Azeredo, Souza Melo, Pardal e muitos outros. Dando seguimento à enumeração de ex-alunos pré-politécnicos, onde tantos luzeiros se apontam, devemos deter-nos um pouco em Rio Branco.

Estadista excepcional, deve-lhe o Estado uma colaboração diplomática do maior relevo, pelo muito que sua atuação logrou no exterior, principalmente nas Repúblicas do Prata. Viveu num período em que já se firmara convicção da necessidade de dissociar a formação militar da civil. O assunto merecera parecer favorável de dois ministros da guerra, consumando-se a separação em 1874, com o Decreto 5.600 de 25 de abril de 1874, dando corpo à Escola Politécnica. Como ministro teve Rio Branco outra iniciativa de grande repercussão na engenharia brasileira: a contratação de quatro eminentes geólogos e mineralogistas a quem o país ficou devendo todo o progresso técnico-cultural que se efetivou nessa área. Foram eles:

- 1) Henri Gorceix, fundador da Escola de Minas em Ouro Preto, nos idos de 1875, centro que nos daria excepcionais engenheiros de minas, geólogos, mineralogistas, especialistas em siderurgia, como Arrojado Lisboa, Pandiá Calógeras, Djalma Guimarães, Euzébio de Oliveira;
- 2) John Casper Branner, professor em Stanford;
- 3) Orville Derby, que dirigiu inúmeras comissões na sua longa permanência no Brasil, por cuja história também se interessou;
- 4) F. Hart, também geólogo e geógrafo de nomeada.



Flagrante tomado quando o Prof. Sydney Martins Gomes dos Santos, Orador Oficial da solenidade, proferia sua brilhante conferência.

Rio Branco sempre conciliou suas atividades públicas com os interesses da Escola Politécnica, a quem se dedicou até o fim.

Dessa fase pré-politécnica, são de citar-se inúmeros ex-alunos que são verdadeiros pólos de ação cultural e de difusão do saber profissional pela juventude.

Nunca é demais lembrar os irmãos Rebouças, André e Antonio, que aqui estudaram juntos, viajaram juntos ao exterior, e só se separaram quando Antonio ficou no Paraná em exploração da construção da estrada de Graciosa a Curitiba, e André retornou ao Rio, donde seguiu para o Maranhão. Matricularam-se juntos na Escola Central em 1854. André foi engenheiro militante, mas sempre teve atração pelo magistério, que exerceu durante quase 30 anos. Antonio foi sobretudo ferroviário, e possivelmente teria granjeado nomeada profissional talvez maior que André, se não falecesse prematuramente aos 35 anos, em 1874, ano do surgimento da Politécnica. Com seu irmão, esteve em todas as iniciativas de implantação de empresas de estradas de ferro, sofrendo com ele toda a incompreensão e hostilidade que os preconceitos vigentes lhes dedicavam.

A morte de Antonio definiu o rumo de André: abandonou a engenharia militante e passou a dedicar-se ao magistério e às grandes causas nacionais, em que a Abolição tinha em sua alma uma ressonância muito compreensível. André suportava nas obras hidráulicas que tivera de conduzir, malquerenças e perseguições que achavam acolhida no próprio recesso dos ministérios. Borja Castro, seu colega de congregação, foi inimigo rancoroso até o fim.

André Rebouças é uma figura muito singular. Sua origem, sua condição de mestiço, suas dificuldades familiares, sua timidez aparente, deixam o analista intrigado: como conciliava tudo isso com o destemor que apresentou nos dois anos em que esteve na guerra do Paraguai, na frente de batalha, o vigor com que polemizava com os adversários, a obstinação com que lutou pela libertação dos seus "irmãos de sangue", a cultura extensa que ostentava dominando línguas, a par da literatura geral e técnica mais atualizada e o patriotismo sadio em face dos fatos econômicos para os quais exibía muitas vezes soluções visionárias, são fatos que mere-

cem admiração. De sua posição como abolicionista dizem bem as seguintes palavras de Joaquim Nabuco:

"Ele não tinha para o público nem a palavra nem o estilo, nem a ação; no entanto, ele teve o mais belo de todos os papéis, calculado por medidas interiores, psicológicas, o maior, o papel primário, ainda que oculto, de motor, da inspiração que se repartia a todos."

(continua no próximo número)

DESEMBARQUE PELA DIREITA

Eng.^o HÉLIO TEIXEIRA

- Olá companheiro, até que enfim voltamos a encontrar-nos.
- Outro dia o vi entrando no sub-way mas não deu para falar.
- Oh! tem usado o Metrô, resolve seu problema de transporte, a contento?
- Metrô ou sub-way é como Ilhas Malvinas ou Falkland, dá tudo no mesmo; é onde, atualmente, disputamos o nosso lugar para chegarmos à cidade, na guerra das nossas correrias diárias.
- Olhe! Outro dia, por intermédio da A³P, fizemos uma visita às instalações do Metrô; magnífica. Foi pena não poder lhe avisar, para ter, também, sua companhia, pois problemas de saúde na família sobrecarregaram-me e tontearam-me, naquele momento.
- Não seja por isso. Diga-me algo sobre o que viu.
- Bem, a equipe que nos recebeu encontrou-se conosco na Estação de Botafogo, constituída de engenheiros, colegas nossos, Diretores e Técnicos do primeiro escalão.
- Como assim, porque tanta gente?
- Não foi tanta gente; o suficiente, pois além dos técnicos de cada especialidade, havia a parte social adequada, que é muito importante para toda organização que se preza, ou seja "public relation".
- A verdade é que já não dispensamos mais a parte de relações públicas no Brasil. Mas . . . prossiga.
- Apresentados e trocados os cumprimentos, tivemos o início dos nossos contactos mais íntimos com o "complexo Metrô", começando pelos trios de colegas que se revezavam para acompanharem o operador da composição, dentro da cabine, sem causar alteração na atenção dispensada por este operador ao tráfego, um outro especialista nos dizia da finalidade dos inúmeros botões e luzezinhas que compõem aquele imenso painel.
- Não pensei que precisassem de tantos botões; imaginava que fosse apenas um "bond" maior.
- Sim, um "bond" maior, que precisa comunicação com uma estação central, que tem circuitos de TV para controle das plataformas, recebe instruções e retificações de seus horários alternados, comunicação de cada estação atingida, regulagem de ar condicionado, etc.
- E o problema de linhas e vias a utilizar?



A comissão de recepção com diretores, engenheiros e relações públicas mostram o Metrô aos visitantes da A³P.

Foi grande ex-aluno, mestre, símbolo de uma época. De sua copiosa messe de monografias e de artigos que com habitual frequência publicava na imprensa diária, muita coisa pode ser lida com agrado, ainda hoje. Não tinha, como disse Nabuco a "palavra para o público", mas escrevia com erudição e certa elegância.

— É onde vamos chegar, ou seja, após o contato com as cabines, fomos ao controle geral no centro da cidade, próximo a Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil.

— O que representa esta unidade em matéria de controle?

— Tudo, podemos dizer sintetizando. Olhe, seus equipamentos controlam desde o bilhete, quando se passa na roleta de cada estação, no mesmo instante, tanto do tipo simples, de ida, ou se do de ida e volta, ou se de múltiplas frequências, isto é, um controle, tanto em quantidade como em qualidade.

— Compreendo; eletronicamente?

— Exato. Além dos computadores deste controle, temos os grandes painéis da posição das formações de transportes, a cada momento, as linhas bloqueadas e abertas, etc., com os respectivos sistemas de comunicação com as cabines destas composições.

— Quando há retardamento ou atraso nas composições como eles fazem?

— Na sala de controle é calculado imediatamente, em segundos, o novo horário e defasagem das demais composições, em função do que foi alterado.

— E a energia?

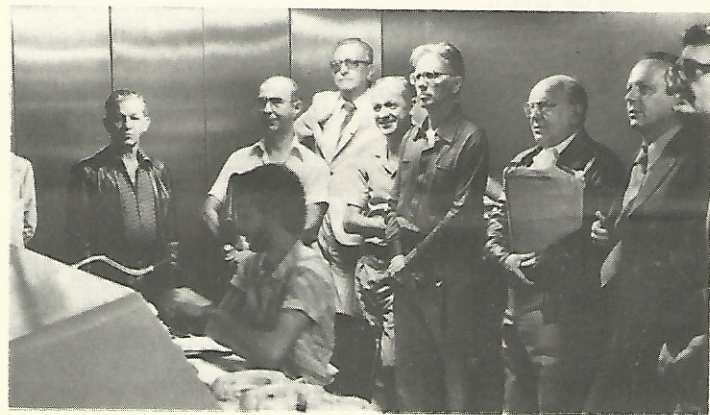
— Há todo um sistema panorâmico para o suprimento de energia, com os vários pontos de alimentação, de comando a distância, que permite bloquear ou suprir qualquer setor que apresente problema, onde o observador técnico faz a manobra adequada, trocando a fonte ou ponto de alimentação, se for o caso.

— Ficou impressionado?

— Não; fiquei tranqüilo de já possuímos um equipamento tão moderno, capaz de rivalizar com os das capitais européias e americanas.

— Terminou aí?

— Não. Saímos daí e fomos ver as obras das estações da Tijuca.



Os visitantes da A³P assistem demonstração numa das salas de controle.

— E o que havia de interessante?

— Em primeiro lugar os dormentes de concreto, em vez daqueles comuns de madeira, pois é um elemento moderno, de tecnologia bem atual e um fator de segurança e depois, vendo a obra em bruto, tomamos conhecimento de uma série de detalhes que nos convenceram da boa orientação que foi adotada e que não adianta nos perdermos em detalhes e filigranas.

— Qual a capacidade de transporte de cada composição?

— É da ordem de 800 a 1000 pessoas, na hora do pique.

— Bem companheiro, acho que está bem informado, por hoje, e não esqueça, na próxima, desembarque pela direita. Até à vista.



A Fala do Trono

O EDIFÍCIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DO LARGO DE SÃO FRANCISCO E A ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS

A conquista da presidência de uma Associação, como a nossa, a dos Antigos Alunos da Politécnica, efetivando-se através de uma eleição, envolve a formulação de um programa de trabalho.

Para objetivá-lo, debruçamo-nos sobre o preocupante problema que não afeta, apenas, à Associação, mas, também, a todos nós, engenheiros —, qual seja a recuperação e utilização do vetusto palácio, que lhe serve de Sede hoje, o qual já foi um exclusivo Centro de Ensino de Engenharia na Cidade do Rio de Janeiro, durante quase 150 anos, e, destarte, formou 30 gerações de engenheiros, desde o alvorecer do século XIX.

Acreditamos, firmemente, que tanto os engenheiros do passado, que estudaram no Nobre Edifício, sob os telhados tutelares que D. João VI — o Rei do Brasil — inaugurou, como, também, por extensão, por pertencerem ao mesmo tronco, à mesma estirpe —, os que hoje já estudam na moderna e luzidia Nova Escola, na Ilha do Fundão, almejamos, todos, que o Velho Edifício, situado no coração da Cidade do Rio de Janeiro, em pleno Largo de São Francisco, continue sendo uma Casa de engenheiros, para engenheiros e pelos engenheiros e dedicada ao aprimoramento do ensino da engenharia e, à promoção e divulgação de suas obras através do Museu, que já existe em embrião; como, outrossim, de cursos rápidos de complementação e extensão — que, por sua localização, são acessíveis aos que trabalham, também já em pleno andamento e da iniciativa tanto da Associação, como da Escola de Engenharia e de entidades particulares, e, finalmente, de simpósios, conferências e exposições, o que já se faz.

Esta Casa, dedicada à Engenharia, haveria, certamente, que contar com o apoio e a colaboração do Clube de Engenharia, a quem a Associação está tão intimamente ligada, como, também, das duas entidades mais importantes, no caso, por serem ambas da Universidade, a Fundação José Bonifácio, como depositária do imóvel e a Escola de Engenharia, como patrona de tradição secular. Haveria, aliás, toda indicação para que a Fundação José Bonifácio viesse a instalar-se, futuramente, no imóvel já recuperado.

De par com as atividades já mencionadas, que seriam incentivadas e ampliadas, dar-se-ia uma sede ampliada e definitiva à Associação dos Antigos Alunos, atualmente ocupando apenas três salas, eliminando-se, de vez, a sua precariedade jurídica, pois que nem comodato é esta atual ocupação.

Neste passo convém frisar-se ser das mais salutares uma política que fortificasse, estatutariamente, a Associação, a fim de que possa, ela, conquistar o necessário apoio financeiro, no seio da poderosa classe a que pertence, à semelhança de suas congêneres estrangeiras (Ass. "Alfa-Beta-Gama", EEUU.) que têm um tal

embasamento econômico, que as capacita até a auxiliarem as suas escolas de origem.

Para bem justificar, de pedra e cal, que o Edifício — Monumento, dedicado à Engenharia Brasileira, reivindicado pela Associação, pela Escola de Engenharia, pelo Clube, além das demais entidades de classe representa uma dívida de honra, ainda inteiramente por saldar, tanto da Cidade do Rio de Janeiro, como do próprio Governo da União, para com os engenheiros, baseamos-nos em duas afirmações capitais:

- 1.º Foram os engenheiros que construíram a Cidade do Rio de Janeiro, inclusive nas suas obras de arte imperecíveis, que lograram chegar até nós.
- 2.º A tradição da atuação dos engenheiros, na construção da cidade, não deve ser tomada a partir do alvorecer do sec. XIX, como usualmente se faz, com a fundação da Academia Militar, mas é ela muito mais antiga, como o item anterior já transparece — pois que remonta ao sec. XVI.

Na realidade, podemos considerar o "palácio de largos muros e altos tetos", como diria o venerando Homero, chantado por Pezerat sobre as ruínas remanescentes da catedral de Alpoim e, diga-se de passagem, eles próprios, ambos, engenheiros —, podemos considerar, este palácio, repetimos, como tendo as suas fundações historicamente implantadas em épocas muito mais recuadas na História da Engenharia da Cidade do Rio de Janeiro.

Ao construir-se o Edifício da Academia Militar, no início do sec. XIX, deu-se, apenas, base física a uma corrente cultural que já se expressava por um fluxo contínuo de engenheiros, de várias nacionalidades, que aportavam às plagas cariocas, desde o último quartel do sec. XVI, culturalmente vinculados à Itália renascentista, berço da era moderna, que se iniciava.

Desta forma, pois, não será exagero, nem descabido situar-se a vetusta Academia Militar, primeira escola onde se ensinou engenharia no Brasil, como o desaguadouro natural, um grande estuário, por assim dizer, da caudal de técnica de engenharia, que remonta ao ano de 1580, data em que aportou ao Rio de Janeiro o primeiro engenheiro de nacionalidade italiana, a serviço de Felipe II da Espanha, Batista Antonelli, aliás um dos maiores e mais competentes engenheiros desta época, que cobriu de fortificações toda a costa da América Espanhola no Pacífico.

Foram, pois, os engenheiros, de há quatro séculos, que construíram a Cidade do Rio de Janeiro, que aí está, e fundamentalmente, desde Antonelli a Pereira Passos, sendo que este último conferiu-lhe, em notáveis providências urbanísticas, o caráter moderno de uma grande "urbs".

E não foram só obras de fortificações, projetos de plantas de cidades, abastecimento de água, igrejas, chafarizes etc., não, pois que, também, concebidas, e executadas, o foram notáveis obras de arte arquitetônica, como são exemplos, para citar duas apenas, o Mosteiro de S. Bento do Eng.º Francisco Frias de Mesquita, jóia da arquitetura colonial, e o abastecimento de água, com os Arcos da Carioca, outra notável obra e a que deu forma definitiva o Eng.º José F. Pinto Alpoim.

Justamente por tudo isto, ou seja para dar aos engenheiros, seja qual for a sua filiação ancestral, se da antiga Politécnica ou não, a correta posição, a que fazem jus, no desenvolvimento construtivo da Cidade do Rio de Janeiro, e, também objetivando a que tenhamos maior base pragmática, para a consecução do Edifício-Monumento, com todas as suas implicações utilitárias e com o tombamento total — é que programou a Diretoria da Associação dos Antigos Alunos a publicação de um livro com o necessário apoio de um patrocinador, que seja engenheiro e empresário militante, e, preferencialmente, filiado à Associação — sob o título: "História da Engenharia na Cidade do Rio de Janeiro", e, tendo, como Subtítulo: "De Antonelli a Pereira Passos".

Escolheu-se, como básico, o trabalho paciente e acurado de pesquisa, original e inédita, do ilustre publicista e estudioso do passado arquitetônico de nossa Cidade, já com inúmeros trabalhos publicados sobre itens correlatos o Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Docente da nossa Escola de Engenharia, Paulo F. Santos, através do qual o papel fundamen-

tal, e ímpar, dos engenheiros das épocas colonial, imperial e início da republicana, na construção da Cidade do Rio de Janeiro, receberia a consagração merecida, e, através de quem foram auridas grande parte das informações, de vinculação histórica, aqui transcritas.

Finalmente, para não terminarmos, sem antes indicar uma providência pragmática, acreditamos que a reintegração do Edifício na sua feição neoclássica original, para isso propondo-se, inicialmente, retirar-lhe o feio aleijão do 4.º pavimento, e estabelecendo-se o risco do Eng.º Paula Freitas, eliminaríamos, de um só golpe, talvez, um dos obstáculos que mais influenciaram os membros do Conselho do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), quando lhe negaram, há quase duas décadas, o "Status" do tombamento total.

É evidente que se não pretende focalizar, com um único Livro, todas as complexas e múltiplas características que assumiria uma completa "História da Engenharia na Cidade do Rio de Janeiro" foi por isto que, preconcebidamente, parou-se em Pereira Passos.

O campo de ação desta Obra ater-se-á, portanto, mais à abrangência da história arquitetônica-urbanística da cidade, a que, naturalmente, se sobrepõem aspectos outros, com marcada implicação no seu desenvolvimento e advindos, principalmente, do ex-

traordinário impulso que a revolução tecnológica-industrial, acelerada nos últimos cem anos, impôs às grandes transformações da feição urbana, tais como o avassalador tráfego automotor; a técnica do concreto armado e das estruturas metálicas de aço, com a apropriação da siderurgia à construção civil; o surgimento da arquitetura da era industrial; o intenso tráfego aéreo com seus aeroportos, que influenciaram o próprio traçado da rede urbana e que relegaram, a uma modesta participação, o papel dos portos de mar, no trânsito de passageiros, a que foi dada tanta ênfase no final do sec. XIX e início do atual.

Estará ainda fora do campo de ação deste Livro, embora seja assunto ainda com marcada conotação histórica — a conquista do saneamento, aqui incluindo-se o combate às chamadas doenças tropicais e envolvendo as grandes pesquisas médico-científicas, empreendidas, no início deste século, por Manguinhos, com profunda repercussão internacional à época.

Tais pesquisas como que redimiram a cidade da pecha da fatalidade climático-nosológica jungida à etiologia das doenças tropicais, e, afastando-se, definitivamente, o veto que ameaçava a pioneira civilização intertropical brasileira, de raiz ocidental.

Nestor de Oliveira

Presidente da A³P

E... A TRIPULAÇÃO?

Após as eleições realizadas em 30 de março último, a querida "embarcação atrepsiana" passou a contar com nova e entusiástica tripulação, a qual não deixará de envidar o melhor de seus esforços para dar prosseguimento à condução da "nave" através seus gloriosos rumos, e de cujos integrantes discriminamos a seguir os nomes e respectivos postos.

DIRETORIA

Nestor de Oliveira Junior	Presidente
Leizer Lerner	1.º Vice-Presidente
Antonio Manuel de Siqueira Cavalcanti	2.º Vice-Presidente
Marconi Nudelman	Diretor Administrativo
Cairo da Silva Leite	Vice-Diretor Administrativo
João Pacheco Neto	Diretor Secretário
Rozolito Guimarães de Azevedo	Vice-Diretor Secretário
Gerhard Vasco Weiss	Diretor 1.º Tesoureiro
Gilda Maria Teixeira Uflacker	Diretor 2.º Tesoureiro
Paulo José Pardal	Diretor Técnico-Cultural
Atílio Geraldo Vivacqua	Vice-Diretor Técnico-Cultural
Luiz Carlos de Almeida	Diretor de Cursos
Nilton Sebastião Rodrigues	Diretor de Cursos
Henri Uziel	Diretor Social
Alcina Koenow Pinheiro	Vice-Diretor Social

Leizer Lerner Presidente de Honra

Maurício Joppert da Silva Sócios Beneméritos
Hélio Mello de Almeida
Antonio José da Costa Nunes

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS: Heloisa Fraenkel, Bernardo Griner e Siegfriedo Rosner Gottschalck.

SUPLENTE: Helio Teixeira, Rozolito Guimarães de Azevedo e Sophia Machado Portella.

MEMBROS VITALÍCIOS: Maurício Joppert da Silva e Hélio Mello de Almeida (Sócio Benemérito).

CONSELHO DIRETOR

MEMBROS NATOS: Diretor da Escola de Engenharia; Presidente do Clube de Engenharia; Presidente da Federação Brasileira de Associações de Engenheiros e Presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia.

MEMBROS ELEITOS: Presidente — Gregório Waisberg; Secretário — Paulo Moreira Pinho; Afonso Henriques de Brito; Alberto Azevedo Ferrão; Alberto do Amaral Ozorio; Antonio Arlindo Laviola; Arthur Eugenio Jermann; Durval Coutinho Lobo; Edward John Gepp; Eryx Albert Sholl; Fernando Emmanuel Barata; Francisco de Assis Basílio; Jacob Steinberg; Jorge de Abreu Coutinho; Jorge de Abreu Schilling; José Mariotte de Lima Rebelo; Laura Corrêa de Sá Freire; Marcílio Nolding da Motta; Mathews Schneider; Octávio Reis de Cantanhede Almeida; Paulo de Castro Benigno; Paulo Rodrigues Lima; Romeu de Sá Freire Filho e Sydney Martins Gomes dos Santos.

NOVOS SÓCIOS

O Quadro Social da A³P continua prestigiado pelos antigos alunos da nossa Politécnica. Assim é que foi honrado com a admissão dos ilustres colegas: Agilson Rodrigues Baroni (1966); Alexandre Pinheiro Ninho (1966); Carlos Alberto Moura (1969); Carlos Alberto Valis Carneiro Campelo (1969); Cid Matheus (1967); Cleverton de Souza Prata (1967); Edson dos Santos Bana (1970); Felippo José Carlos (1966); Flavio Joppert de Moura (1966); Geraldo Lasmar Manssour (1966); Gilson Faissal (1966); Helio Paladino de Oliveira (1969); Helton Gama de Carvalho (1967); Iukio Hasegawa (1966); Joberto Macedo Pimentel (1952); Joaquim da Cunha Rodrigues (1966); José Caetano dos Prazeres (1966); José Couri Netto (1967); José de Oliveira (1966); José de Souza Oliveira Junior (1966); José Ibrahim Haddad Junior (1972); Juvenal Antonio Villéla (1966); Justino Borges Pinheiro (1966); Kleber Rodrigues Pereira (1970); Leopoldo Mario Antunes Corrêa (1967); Lucio Dantas (1973); Luiz Adolpho Gonçalves da Rocha (1966); Luiz Carlos Dias (1966); Luiz Roberto Varella Mendes de Moraes (1966); Marcio Guimarães da Cunha (1966); Moacyr Brajterman (1966); Oduvaldo Siqueira Arnaud (1966); Onesild José da Silva (1966); Oscar Arlindo Carvalho de Oliveira (1966); Paulo Sérgio de Moraes Leite (1967); Paulo Cezar Pinto (1966); Raul Odemar Ptthan (1966); Roberto Aduan (1966); Rogério da Silva Porto (1966); Ronaldo Barbosa Macedo (1966); Sergio Barbosa de Moura (1966); Sergio Paulo de Almeida Coelho (1966); Simion Arongaus (1966); Theodomiro da Costa (1966); Vanderlei Bertoldi de Azevedo (1966); Walcondiney Pereira Nunes (1966).

ONDE ESTÃO?

Foram devolvidas à A³P, por motivo de mudança de endereço, as correspondências de nossos consócios:

Abrahão Fainguelernt (1947); Alberto Homs (1961); Amaury de Castro e Silva (1947); Antonio Ribeiro Soutello (1947); Archimedes Viola (1944); Augusto Paranhos Fontenelle (1913); Aylton Azeredo da Silveira (1950); Chaskiel Jankiel Orenszajn (1958); Cicero Ferraz de Souza Martins (1933); Ciro Vergara Susano (1963); Délio Fernandes (1944); Delso Mendes da Fonseca (1929); Demosthenes Cruz Pessoa de Carvalho (1955); Elpidio Costa de Souza (1954); Fabio Pacheco Fernandes Junior (1968); Felipe Cusmanich (1947); Fernando Lugarinho da Silva (1968); Flavio de Lima Ferreira Alves (1962); Gelsonir da Rosa Correa (1965); Gilvan Cabral (1961); Hernani do Paço Mattoso Maia (1947); Ivan Rangel de Azevedo Coutinho (1958); Jacques de Medina (1947); Jadyr Vianna Botelho (1954); Jaime Felício Paulo (1968); João Dias de Paiva (1963); Jorge Aloisio Fontenele (1933); José Octavio Alves (1962); Julio Xavier (1959); Luiz Roberto da Veiga Brito (1951); Maciel Jamel (1964); Manoel Lapa e Silva (1975); Marcos de Albuquerque P. Bittencourt (1969); Marcus Peigas Pacheco (1973); Mario Penna Bhering (1945); Mario Trindade (1950); Nilton Sebastião Rodrigues (1947); Niwaldo Barbosa da Silva (1968); Noberto Madeira da Silva (1933); Orlando Bessa (1944); Oswaldo Justo de Aguiar Cavalcanti (1931); Paulo Anthero Soares Barbosa (1958); Paulo Franchini Mello (1943); Paulo Teixeira (1947); Pedro Vieira de Castro (1941); Renato de Almeida Prado Costallat (1944); Renato de Azevedo Feio (1931); Roberto Menezes Rocha (1944); Salomão Manela (1946); Sergio Augusto de Lima (1967); Sergio Augusto de Moraes (1962); Sergio Carvalho Gomes dos Santos (1963); Sylvio Beassoto Mano (1947); Szmul Nusen Lustman (1951); Ubano Rodrigues Alonso (1967); Valdir Coimbra de Bittencourt Cotrim (1939).

Solicitamos de nossos consócios a gentileza de nos informarem os endereços atualizados de que porventura sejam conhecedores, assim como avisarem-nos toda vez que ocorrer a sua própria mudança de endereço.

GINCANÁ ARTÍSTICA

Somente os que compareceram ao Largo de São Francisco, na agradável manhã do último 1.º de maio, puderam sentir, na sua intensidade, a bela festa artístico-cultural em que se traduziu, a todo instante de seu desenvolvimento, a alegre Gincana de pintura e desenho promovida por nossa Associação, dentro do programa de comemorações pelo cinquentenário da Entidade, efeméride ocorrida no dia 3 subsequente.

Dos concorrentes, cujo número ascendeu a mais de cento e cinquenta, menos de cinco por cento não procedeu à entrega do respectivo trabalho, índice que bem demonstra a elevada aplicação com que se houve cada artista.

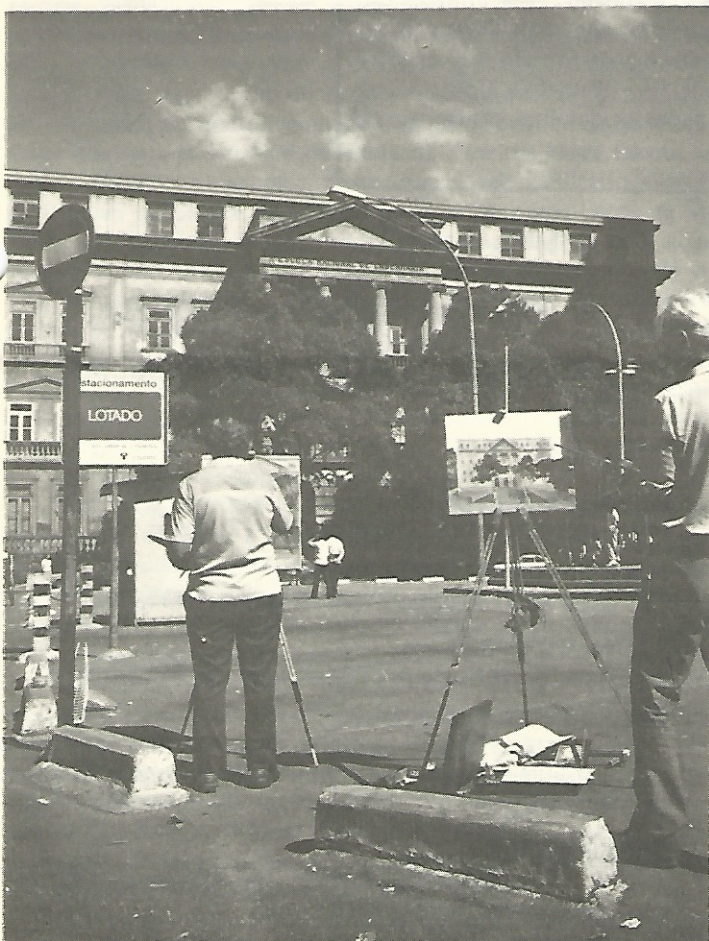
Em verdade, os inúmeros prêmios honoríficos instituídos, aliados a outros, mais cobiçados, de aquisição em espécie, constituíram-se, sem dúvida, em catalisadores de motivação, bem retratada na indistigável animação com que se apresentavam os concorrentes no ato da inscrição.

Daí, o dever mínimo, indeclinável, desta reportagem em assinalar o que representaram, para o brilhantismo da festa e o alto nível da competição, as inestimáveis colaborações prestadas pelas entidades: Academia Brasileira de Ciências, Instituto de Matemática Pura e Aplicada do Conselho Nacional de Pesquisas, Clube de Engenharia, e as empresas Servenco e Tecnosolo, através dos prêmios de aquisição, em espécie, que ofereceram.

Tornou-se, em consequência, das mais árduas a missão do Júri, presidido pelo conhecido Crítico de Arte Mário Barata, Professor de História da Arte da UFRJ e sócio honorário da A³P, e integrado, ainda, pelos renomados artistas nacionais Frank Schaeffer (também engenheiro), Lully de Carvalho, Bustamante Sá e Vicente de Pécia, os quais, em seu julgamento final, conferiram as seguintes premiações:



Vários participantes da Gincana se localizaram no final da Rua do Ouvidor.



O Largo de São Francisco no sábado, 1.º de maio, feriado, foi tomado por mais de 150 artistas.

I. PRÊMIOS DE AQUISIÇÃO

- Luiz Guilherme de Vasconcellos Baptista
Prêmio Academia Brasileira de Ciências – Cr\$ 70.000,00
- Armando Pereira Dantas
Prêmio IMPA/CNPq – Cr\$ 60.000,00
- Francisco Marques Fernandes Filho
Prêmio Clube de Engenharia – Cr\$ 50.000,00
- João de Jesus
Prêmio Servenco – Cr\$ 30.000,00
- Carlos Pinto Gomes
Prêmio Tecnosolo – Cr\$ 30.000,00

II. PRÊMIOS DE PINTURA

- Orlando Rafael
Medalha de Ouro
- Paulo Marinho
Medalha de Prata
- Georg Wilhelm Stever
Medalha de Prata
- Manoel Feitosa Cavalcanti Filho
Medalha de Bronze
- Deneir José Lima Vianna Xavier
Medalha de Bronze
- Abrahão de Brito Xavier
Medalha de Bronze
- Jorge Antonio Lepretier Duarte
Menção Honrosa
- Milton Eulálio Perpétuo
Menção Honrosa
- Luciano Baur Ramos
Menção Honrosa
- Virgílio Dias Filho
Menção Honrosa
- Oziel Antonio Belizio
Menção Honrosa
- Newton Figueiredo
Menção Honrosa

III. PRÊMIOS DE DESENHO

Roberto Tavares de Freitas
Medalha de Ouro

Washington Pereira Passos
Medalha de Prata

Rita de Cássia Barroso de Souza
Medalha de Prata

Clara Wanderley
Medalha de Bronze

Gloria Maria de S. E. Hryniewicz
Medalha de Bronze

Almir Lopes da Silva
Medalha de Bronze

Miguel Fragomeni
Menção Honrosa

Alcides Santos Coelho
Menção Honrosa

Maximina Ruggi Netta
Menção Honrosa

Durante a sessão solene comemorativa do cinquentenário da Associação, realizada às 18hs. do dia 3 de maio, no Salão da Congregação do antigo prédio da Escola Nacional de Engenharia, no Largo de São Francisco, foi procedida à entrega dos prêmios a cada um dos laureados e, após a reunião, inaugurada, em recinto

da Sede Social da A³P, a exposição das obras premiadas, amostra que permaneceu aberta à visitação até o último dia 31 de maio.

Coordenada por uma Comissão integrada pelos engenheiros Nestor de Oliveira, Paulo José Pardal e Henri Uziel, respectivamente, Presidente, Diretor Técnico-Cultural e Diretor Social da A³P, não poderia ter sido mais feliz a efetivação dessa iniciativa em regozijo ao cinquentenário da Entidade, cujo maior testemunho do êxito alcançado será, sem dúvida, a lembrança indelével levada por todos seus participantes, organizadores, artistas e público, além dos que tiveram a oportunidade de visitar a exposição, principalmente nossos companheiros, ex-alunos, que reviveram os bons tempos da veneranda Escola, motivados em suas reminiscências pelos pincéis dos artistas, já que havia sido tema obrigatório para habilitação aos prêmios maiores, o aparecimento no painel da fachada do velho casarão, marco indestrutível da célula mater da engenharia brasileira.

Pelo êxito, estamos todos de parabéns, mas haveremos de externar agora, em nome da querida Associação, o melhor de nossa gratidão à Academia Brasileira de Ciências, ao Instituto de Matemática Pura e Aplicada do Conselho Nacional de Pesquisas, ao Clube de Engenharia e às empresas Servenco e Tecnosolo, pelo embasamento que nos proporcionaram para o alcance deste êxito e o abraço, muito especial, a nosso Diretor Técnico-Cultural, Engenheiro Paulo José Pardal, de cuja experiência e sensibilidade em muito ficou favorecido esse mesmo alcance.

NA TRILHA DOS CURSOS

Nossa Associação, dando prosseguimento a um de seus mais importantes objetivos, qual seja o de promover iniciativas visando ao favorecimento da atualização e ampliação dos conhecimentos técnico-profissionais dos engenheiros graduados pela Politécnica, promoverá, no 2.º semestre do corrente ano, dois Cursos, o de Patologia das Estruturas de Concreto e o de Projeto e Execução de Barragens de Concreto, Unidade III – Projeto e Construção, dos quais transcrevemos a seguir todos os detalhes concernentes ao desenvolvimento que terão.

**CURSO DE PATOLOGIA DAS
ESTRUTURAS DE CONCRETO**
(prevenção, recuperação e reforço)

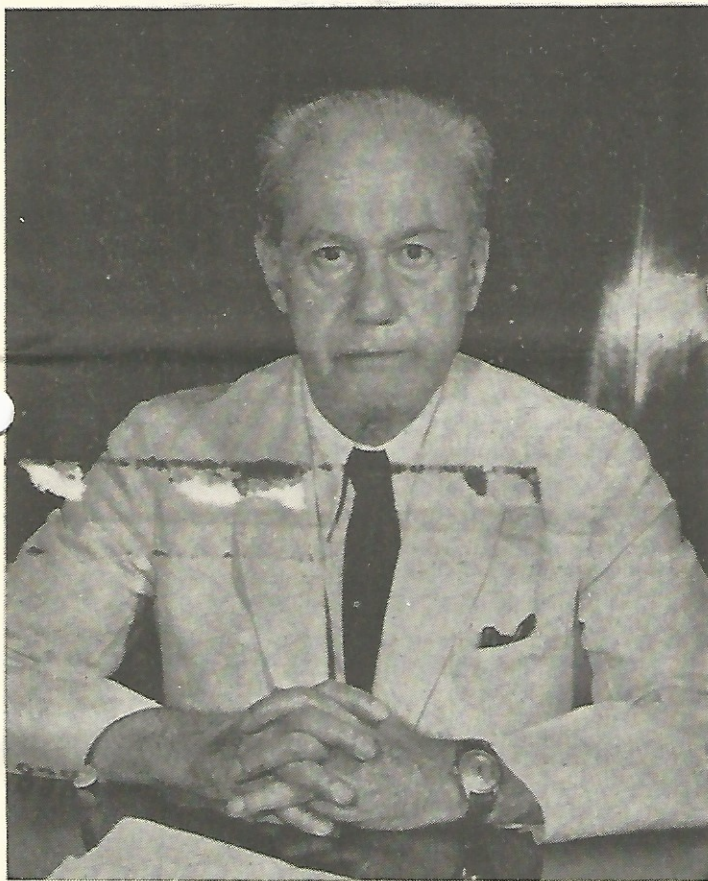
- **DURAÇÃO DO CURSO**
02-08 a 29-09 de 1982 – 34 horas
- **HORÁRIO E DIAS DA SEMANA**
Das 18:30 às 20:30 horas – às 2.ªs feiras e 4.ªs feiras.
- **LOCAL DO CURSO**
Prédio da Escola de Engenharia no Largo de São Francisco.
- **COORDENADOR DO CURSO**
Eng.º Waldemar Craizer, MSc. pela COPPE (UFRJ).
- **PROFESSORES**
Antônio José da Costa Nunes, Carlos Arroyo Nespoli, Carlos Freire Machado, Fernando Luiz B. Lobo Carneiro, Francisco de Assis Basílio, Renato Vasconcellos.
- **INFORMAÇÕES**
Na Sede Administrativa da A³P na Av. Rio Branco n.º 124/23.º andar (tel.: 222-4598) onde poderão ser feitas inscrições até o dia 30-07-1982.

**CURSO DE PROJETO E EXECUÇÃO DE
BARRAGENS DE CONCRETO**
UNIDADE III – PROJETO E CONSTRUÇÃO

- **DURAÇÃO DO CURSO**
09-09 a 21-10 de 1982 (Unidade III) – 28 horas.
- **HORÁRIO E DIAS DA SEMANA**
Das 18:30 às 20:30 horas – às 3.ªs feiras e 5.ªs feiras.
- **LOCAL DO CURSO**
Prédio da Escola de Engenharia no Largo de São Francisco.
- **COORDENADOR DO CURSO**
Professor Flávio Miguez de Mello, da Escola de Engenharia da UFRJ coadjuvado pelo Eng.º Luiz Carlos Francisco dos Santos da ENGE-RIO.
- **PROFESSORES**
J. L. B. de A. Castanho, Carlos H. Holck, Epaminondas Melo do Amaral e Jorge Santos Basílio.
- **INFORMAÇÕES**
Na Sede Administrativa da A³P na Av. Rio Branco n.º 124/23.º andar (tel.: 222-4598) onde poderão ser feitas as inscrições até o dia 08-09-1982.

HOMENAGEM

Prof. Lélío Itabuambira Gama
21-8-1892/21-7-1981



Lélío Gama, um dos maiores matemáticos brasileiros, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 21 de agosto de 1892 e morreu na mesma cidade a 21 de julho de 1981. Diplomou-se pela antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro no ano de 1918.

De caráter sem jaça e de acentuada modéstia quando fazia incursões pela Matemática Pura e Aplicada, foi sempre admirado e respeitado por quantos dele se aproximavam usufruindo das luzes brilhantes do seu cérebro privilegiado.

Deu realce extraordinário à cátedra de Matemática da primitiva Universidade do então Distrito Federal, lamentavelmente de efêmera duração e, depois, à cátedra de Análise Matemática e Análise Superior da Faculdade Nacional de Filosofia. Foi Diretor do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Como astrônomo, diretor do Observatório Nacional, incumbiu-se pessoalmente do estudo da evolução progressiva do campo magnético do Brasil e do estudo da variação da latitude do Rio de Janeiro.

Em cursos particulares organizados pelo que de mais expressivo em matemática existia entre nós, desenvolveu vários assuntos que maravilhavam os freqüentadores pela maneira didática, profunda e pessoal com que eram tratados.

Onde muito mais se projetou como didata foi quando assistente do catedrático Sebastião Sodré da Gama, colaborou com o "Gamão" na reformulação do ensino da Mecânica Racional na Escola Politécnica que vinha vivendo sob domínio positivista do mestre Licínio Cardoso. Com o emprego do Cálculo Vetorial e da Análise Vetorial, os dois *Gamas* (o "Gamão" e o "Gama linha") deram à Mecânica Racional na Escola Politécnica do Rio de Janeiro uma nova dimensão, fazendo com que ela vivesse anos de glória, influindo de forma altamente benéfica nos cursos de engenharia. Apesar da grande profundidade do Curso não desprezava o

Lélío das aplicações elementares e ao lado dos melhores autores lá estava o F.I.C. com seus preciosos exercícios.

Com os dois *Gamas* instalou-se na Escola o *exame oral escrito*. O examinando recebia uma folha de papel e nela lançava o seu nome e respondia às perguntas dos examinadores.

Não fui aluno do *Lélío*, não tive essa graça de Deus. Amizades comuns e as contingências da vida levaram-me, contudo, a manter com ele vários contatos. Assim é que, certa vez, quando Paulo Assis Ribeiro foi Secretário de Educação do então Distrito Federal e fez realizar concurso de Matemática para as Escolas Secundárias, fiz parte da Comissão Examinadora presidida por *Lélío*. Na prova escrita, que seria depois defendida pelos concorrentes, as instruções exigiam uma dissertação sobre assunto sorteado. *Lélío* estabeleceu que após o sorteio, que deu o estudo da elipse, os candidatos teriam meia hora para consultar livros sobre o assunto antes de receberem o papel da prova. Era uma novidade em concurso que foi muito elogiada posteriormente. Lembro-me ainda da simplicidade de *Lélío* quando nos disse que para melhor julgar as provas havia revisto o estudo da elipse.

Dias depois de efetuado o concurso, o *Lélío* presidia o concurso para professor de Matemática do Instituto de Educação do Rio de Janeiro no qual eu estava inscrito.

Respeitando a ética profissional sempre se esquivava de opinar sobre colegas menos capazes. Uma única vez eu o vi manifestar-se de modo positivo. Foi quando o visitei em seu apartamento em Copacabana em companhia dos professores Cesar Dacorso Netto e Heitor Velloso. Perguntou-lhe o Dacorso como ele via alguns professores (?) desprezarem o estudo dos infinitésimos, como desnecessário à Análise. Espantado, sorriu e clamou contra o absurdo desses pedagogos (?).

Se *Lélío* foi excepcional como cientista e professor, não menos brilhante foi como autor e orador onde se apresentou como um mago das linguagens usual e clássica. Veja-se este trecho do discurso com que agradeceu no Instituto de Matemática Pura e Aplicada a homenagem aos seus 80 anos de idade, dos quais 56 dedicados à Matemática e à Astronomia:

"Sempre achamos que o fim só chegará depois de amanhã, mas a gente aprende a conhecer-se, confronta-se consigo mesmo. A vida deve terminar num branco adormecimento como a suavidade etérea de uma nuvem que se dissipa no espaço. É pena que não se possa voltar para descrever essa experiência que é a maior das investigações científicas."

Outro trecho do discurso pronunciado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 26 de dezembro de 1928 em homenagem aos professores falecidos no desastre de aviação ocorrido naqueles dias. Referindo-se a *Amoroso Costa*: "... a Associação Brasileira de Educação lhe deve uma gratidão eterna, pela contribuição inestimável de seus cursos especiais, conferências belíssimas, onde sua frase escorreita e clara era como um filete de luz a lhe correr dos lábios, dissipando sombras, iluminando encantos".

O passamento de *Lélío* encheu-nos de uma imensa tristeza. Estranhamos que o seu falecimento não tivesse tido maior repercussão. A sua obra, entretanto, merece um estudo aprofundado realçando as suas incursões pela Ciência, particularmente pela Matemática e pela Astronomia. Esperamos que algum mais capaz o possa fazer para alegria de todos.

Desapareceu *Lélío Gama* da vida terrena. Que sua alma descanse onde certamente passou a viver com Deus, enquanto aqui neste mundo reverenciamos a sua figura com profunda saudade e admiração.

Nota final. Aos interessados pela vida e obra de *Lélío* recomendamos a leitura de um artigo de "O Globo" de 30-8-72 com o título "Cinquenta e seis anos a serviço da Astronomia", a Revista do Clube de Engenharia (Vol. 26 — n.ºs 341 e 343 — janeiro e março de 1965) em artigo "Professor Lélío Gama — O Homem e a sua obra", e o livro "Idéias Fundamentais da Matemática" de Amoroso Costa, 2.ª edição, 1971.

NO RASTRO DO REDATOR, A AUTENTICIDADE DO CROCODILO ...

Tão logo tomou conhecimento de que seu amigo Redator voltara a colaborar na edição do Boletim de nossa A³P, o irrequieto Crocodilo não mais o deixou em paz. Empavonado, mais parecendo um vitorioso cabo eleitoral do pobre escriba, passou dele a cobrar, de forma insistente, sua volta às páginas do Boletim.

Nosso comedido Redator, por razões óbvias, não alimentou a mínima esperança de atendimento ao pedido, desde o primeiro momento que o pretensioso "animal" o formalizou. Porém, por mais incrível que possa parecer, a verdade é que o assédio do "casca grossa" crescia proporcionalmente à negação do amigo. E o assunto tomou tal vulto que acabou chegando, por ardilosa ação do Crocodilo, ao conhecimento da direção do periódico, a qual incumbiu, imediatamente, um dos Repórteres para cobrir a momentosa divergência, cujo desfecho facilmente será alcançado através da leitura dos diálogos, que ora publicamos num furo de reportagem.

Tudo foi colhido por nosso profissional, sem que os dois se apercebessem:

— Mas, amigo Crocodilo, o Boletim não é minha propriedade. Apenas, entre as atribuições do cargo de diretor da A³P para o qual tive, há pouco, a honra de ser eleito, está a de coordenar a edição do periódico.

— E daí? Você desempenhou no passado essa atividade e contou, na época, com minha colaboração.

— É verdade! Aliás, eu e meus companheiros nunca deixamos de reconhecer esse fato e de sempre externar nossa gratidão.

— Portanto, se foi verdade e se houve gratidão, o caminho continua aberto para eu voltar às páginas do Boletim!

— Bem, Crocodilo, acontece que ...

— Acontece o quê?

— Acontece que os tempos são outros. Tudo vem se modificando rapidamente e ...

— E ... o quê?

— Nada! ... nada! Acho melhor mudarmos de assunto.

— Eu sabia que por trás de suas reticências estava a intenção de me esconder! Você sempre procura me esconder! Você não passa de um egoísta!

O Redator, visivelmente possesso, retrucou:

— Não repita isso! Não é verdade! Não seja ingrato! Nunca tive esse procedimento com ninguém. Você é que ...

Diante de mais uma vacilação verbal do Redator, o "casca grossa" não resistiu:

— Eu o quê? Diga! Eu o quê?

— Você é que sempre se esconde, dando a impressão de somente possuir coragem quando se encontra a meu lado.

— Isso não é verdade! Isso jamais ocorreu!

— Ocorreu várias vezes, sim! Tenho provas ...

— Cite uma, então!

— Olha, Crocodilo, não insista em me espremer, pois acabo despejando tudo que tenho atravessado na garganta ...

— Se é por isso, imagine que eu sou um rolo compressor passando sobre você e deixando-o com a espessura de uma folha de papel!

No auge da afronta, veio, embalando a verdade, a reação do escriba:

— Você é covarde, Crocodilo! Sua coragem só existe quando estou a seu lado. Em 1977, meus companheiros vieram à procura de sua colaboração e você se escondeu!

— Não é verdade!

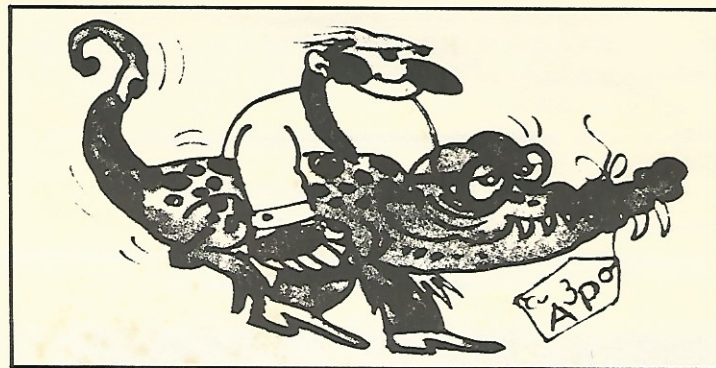
— É verdade sim! O assunto foi até matéria de reportagem do n.º 64 de nosso Boletim, lembra?

— Mas ... mas ...

— Não vem agora com "mas ... mas", não! Você se escondeu, inclusive, em uma das prateleiras da estante de meu gabinete de trabalho.

— Mas ... mas ..., au ... au ...

— Nem "mas ... mas" nem "au ... au"! Ainda com o agravante de ter se escondido mal, deixando-me na situação de con-



vente! Você me comprometeu. Poderia ter ido colaborar com meus companheiros e fugiu!

— Au ... au ...

— Não vem agora com esse "au ... au", você não é cachorro!

— Au ... au ...

— Pare de latir, Crocodilo! Está enganado, pensando que vai me comover imitando um dos melhores amigos do homem.

— Au ... au ...

Diante do estranho e persistente latido do animal, seu amigo resolveu encarar-lo:

— Afinal, o que está ocorrendo? Você se engasgou?

— Au ... au ...

E dos olhos do bichão começaram a verter suas profusas famosas lágrimas. Atônito e comovido, disse-lhe o Redator:

— Não quis feri-lo, Crocodilo. Somente procurei aflorar uma mágoa atravessada ...

— Au ... au ...

E, abraçando o rastejador:

— Compreendo suas lágrimas, mas não alcanço sua idéia agora de latir ...

Tal qual uma explosão, o suposto latido tornou-se inteligível no vozeirão do reptil:

— Au ... au ... auten ... autenticidade ... autenticidade! autenticidade! Foi por autenticidade que me escondi deles! Foi só por isso!

— Está bem, está bem! Agora acalme-se.

Após ajudar na secagem dos olhos do animal, reinicia o Redator:

— Mas o que significa, no caso, essa história de autenticidade?

— Ora, vocês, homens, que gozam do privilégio da razão, nem sempre podem dizer o que querem, ou porque temem não agradar ou porque temem não serem devidamente interpretados. Usam, por isso, a auto-censura ou se submetem à do grupo social em que vivem.

— E daí?

— Claro, sendo eu um "irracional", estou obrigado, por maiores razões, a essa auto-censura, que sempre me induziu tivesse somente um intérprete como condição primordial de autenticidade junto aos homens, tal qual a que vocês criam entre vozes e atores nas "dublagens" cinematográficas. Daí, jamais ter querido outro intérprete que não fosse você! Não neguei colaboração, apenas zelei por minha autenticidade.

Nosso Redator, sem verter lágrimas, mas profundamente emocionado e afagando o bichão, disse-lhe:

— Compreendo, compreendo ... você tem uma certa razão.

— Então, posso colaborar no Boletim?

— Bem, vou falar com o Presidente, que não o conhece, vou pedir o apoio de nossos amigos Leizer, Cairo, Léó e de outros que sempre demonstram certa compreensão por você, embora todos tenham ficado decepcionados com aquela sua fuga de 77!

— Mas, diga-lhes agora o motivo de tudo. Conte-lhes até as circunstâncias em que a verdade aflorou hoje entre nós dois.

— Basta, Crocodilo! Você está parecendo ator de novela. Já disse que vou falar com eles. Talvez cite, inclusive, a história de sua "autenticidade", mas, de modo algum, farei alusão às circunstâncias em que a verdade aflorou!

— Por quê?

— Claro, a nível de crocodilo, tudo que é autêntico fica muito prejudicado quando vocês começam a verter lágrimas ...

E juntos, como bons amigos, dobraram a esquina seguinte.

CALENDÁRIO DOS SÓCIOS ANIVERSARIANTES

Correspondendo a presente edição do Boletim ao bimestre julho/agosto, é com a maior alegria que, ao publicarmos a relação dos sócios aniversariantes nos referidos meses, consignamos a cada um nosso abraço bem apertado, acompanhado dos melhores votos de felicidade.

ANIVERSARIANTES DO MÊS DE JULHO

- 01 – João Luiz Lopes Bentes (36) 226-2051
Vanderlei Bertoldi de Azevedo (66) 265-0083
- 02 – Alexandre Herculano Cavalcante (56) 267-2524
Antonio Pagy (61) 265-6421
Antonio Wilson Coutinho Marques (46) 264-0608
Meyer Chess Diamante (57) 225-3488
- 03 – Alvaro Sonnenfeld de Oliveira (46) 287-0758
Iancel Ghelman (56) 235-0626
Julius Arnold Wilberg (62) 274-6217
Luiz Paulo Curvello Vallim (56) 247-2455
Manoel José dos Santos Mendonça (62) 249-5650
Paulo Cezar Pinto (66) 342-2715
Servio Tullio dos Santos Sá (39) 260-9073
Silvio de Souza Lima (74) 201-0232
- 05 – Gerhard Vasco Weiss (55) 286-5759
Luciano Brandão Alves de Souza (47) 242-2594
Marcio Guimarães da Cunha (66) 268-2800
Remy Bayma Archer da Silva (38) 286-2028
- 06 – Arício Abreu Travassos (47) 288-3316
Francisco Gonçalves (43) 230-5105
- 07 – Humberto Cyrilo Gouthier de Vilhena (63) 242-3023
Walter do Couto Pfeil (49) 223-8816
- 08 – Thomaz Pompeu Rossas Filho (70) 287-9033
- 09 – Heloisa Fraenkel (46) 267-0686
Manoel Felisberto da Silva (63) 281-8445
Paulo Beral Sardinha (33) 227-2659
- 10 – Mauro Thibau (45) 274-0200
Valerio Joffe (54)
Josephus Maria Franciscus Zaeyen (53) 225-5176
- 11 – Joaquim Francisco Capistrano do Amaral (44) 227-3548
Luiz Manoel Paiva Nunes (79) 796-2049
Luiz Roberto da Veiga Brito (51) 246-1955
- 12 – Eugenio Gudín (05) 256-1619
Fabio Pacheco Fernandes Junior (68) 256-4983
Maurillo Galindo Coutinho (36) 267-0516
- 13 – Alberto Caruso (51) 246-2364
Aron David Davidovitch (69) 255-4188
Jorge Alceu Amoroso Lima (55) 2-8149 – Campinas, SP
- 14 – Accacio Gomes (50) 245-8547
Linneu Faria da Camara Leal (46) 226-8501
- 15 – José Fernando Campos Fortes (62) 258-9333
- 16 – Antonio Montefusco de Assis (44) 227-6695
- 17 – João Kubitschek de Figueiredo (24) 256-1159
- 18 – Carlos Alberto Pinto Moreira (61) 246-5706
Paulo Cezar Mendes Vianna (47) 247-3269
- 19 – Mario João Nigro (33/44) 51-1235 – SP
Luiz Fernando Frazão Busse (68) 235-2764
- 20 – Armando Martins Paiva (62) 287-0121
Catullo Pestana Magalhães (40) 241-6689 – SP
- 23 – Horacio Antunes Ferreira Junior (62) 227-1295
Kleber Rodrigues Pereira (70) 265-6191
Waldemar Craizer (44) 222-2433
- 25 – Alberto Coelho Santana (50) 66-1976 – St.º André, SP
Carlos Saboia Monte (62) 252-0348
Diocles Jesus Rondon de Souza (57) 266-6555
João Pacheco Netto (55) 225-5400
José Mauricio Baptista Nogueira (56) 245-0796
- 26 – Paulo Teixeira (47) 267-0878
Pedro Luiz Murgel Taveira (55) 396-0062
- 27 – Jorge Kotlarewski (79) 722-1338
José Ribeiro da Silva (44) 247-7440
Marcello Penna da Veiga (33) 247-1930
Pedro Morand (39) 265-3888
Waldemir Aranha Meira de Vasconcellos (31) 245-7751
Wilhelm Brada (58) 235-1908
- 28 – Heitor Lopes Correa (37) 267-1636
- 29 – Nilton Able (49) 261-3268
Ricardo Greenhalgh Barreto Filho (47) 231-4192
- 30 – Jorge Saliba Calil (55) 223-0897 – Vitória, ES
- 31 – Adelino Simões de Faria (44) 226-6194
José Mariotte de Lima Rebello (52) 227-5363

ANIVERSARIANTE DO MÊS DE AGOSTO

- 01 – Darcy Aleixo Derenusson (39) 267-4627
Edgard de Almeida Loural (45) 246-7834
Nanto Junqueira Botelho (29) 246-1052
- 02 – Pedro José Gallardo Caminha (49) 246-0813
- 03 – Fernando Augusto de Barros (60) 238-9131
Rozendo de Souza (46) 267-9598
Antonio Garcia de Miranda Netto (25)
- 05 – Sergio Barbosa de Moura (66) 239-6204
- 06 – Carlos Alberto V. Carneiro Campelo (69) 399-8000
Jacob Wainer (57) 267-7476
- 07 – Alberto Mario Cotrim R. Pereira (40) 245-0139
Guilherme da Silveira Filho (29) 237-4263
Luiz Carlos de Almeida (54) 551-7329
Udo Baumgart (50) 399-5342
- 09 – Benjamin Menasché (62) 237-9793
Odilon da Rocha e Souza (37) 246-3642
- 10 – Mauricio Dantas Leite (68) 256-4025
Isac Kogut (56) 236-4835
- 13 – Arnon Elkind (66) 257-7606
Cesar Augusto Lourenço Filho (60) 238-6989
Murillo Augusto Vieira de Meirelles (46) 267-6050
- 14 – Carlos Eduardo Peçanha (58) 256-6691
José Oscar da Silva Moreira (68) 265-4035
Pedro Ernesto Souza Lima (54)
Tobias Cepelowicz (57) 226-0356
- 15 – Antonio Carlos Bezerra da Silva (55) 42-0181 – Volta Redonda, RJ
Eduardo da Camara Ortegá Barbosa (44) 236-3273
- 16 – Walfredo Rebello de A. Cavalcanti (33) 282-4313 – SP
- 17 – Antonio Roberto de Azevedo Muller (55) 444-2322 – St.º André, SP
Eduardo Baker de Andrade Botelho (35) 246-5749
Manoel Griner (55) 235-2262
- 18 – Thome Ignacio de Andrade Botelho (47)
- 19 – Abelardo Ribeiro Garcia (49) 228-6199
Felisberto José de Bulhões Carvalho (56) 236-4801
Jorge Nisenbaum (69) 287-0174
Luiz Gomes da Costa (38) 274-2846
Raphael Murillo Goldschmidt (63) 223-7171 r/449
- 21 – Roberto Silva Mello (64) 245-0399
- 22 – Luiz Carlos Dias (66) 393-0180
Oldete Petit Lobão Ventura (55) 246-6271
Osnyr Siqueira Carvalho (62) 266-0775
Sergio Valle Marques de Souza (40) 236-3536
- 23 – Cesar de Azevedo Gusmão Cerqueira (65)
Leizer Lerner (55) 222-3953
- 24 – Manoel Azevedo Leão (22) 247-3804
- 25 – Helio Abrahão Kestelman (55) 266-4630
- 26 – Cesar Reis de Cantanhede Almeida (24) 274-1129
Mario França Ennes (47) 265-8518
Paulo Moreira Pinho (47) 236-3488
- 27 – Benedito Benito Pinheiro (64) 390-9756
Carybides de Castro Fragozo (48) 228-1654
Rafael David Flores Fernandez (62) 62-4951 - Caracas
- 28 – Carlos Cava (55) 711-1137
Francisco Landsmann Ramos (47) 266-0223
João Machado Fortes (47) 234-0217
Rogério Travassos (63) 227-2311
- 29 – Aluisio Belarmino de Mattos (46) 712-2231
Arthur Eugenio Jermann (35) 227-0487
Daniel Paz de Almeida (29) 237-6675
John William Moss (75) 238-2190
- 30 – Alcina Koenow Pinheiro (43) 245-8537
- 31 – Americo Carlos Briza (59) 722-2005

M Ú T U A

Atendendo ao real interesse que a matéria encerra para nossos associados, publicamos a seguir um extrato de entrevista concedida, no início do corrente ano, pelo Arq.º Enildo Barros, Presidente da Mútua de Assistência dos Profissionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

“A MÚTUA DE ASSISTÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DA ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA é uma entidade de direito público sem fins lucrativos, cujo objetivo é colocar à disposição dos seus associados um plano de benefícios sociais, previdenciários e assistenciais. Assim, sua meta é oferecer aos profissionais registrados no sistema CONFEA/CREAs/MÚTUA o maior grau possível de segurança e tranqüilidade no exercício de suas funções.

UM BREVE HISTÓRICO DA MÚTUA – Antes de mais nada havia a constatação do que era o país no início da década de setenta: uma não

jovem e pujante mas com drásticas limitações de recursos para um amplo programa de seguridade social.

Quantas jovens vocações não esbarraram na intransponível barreira dos custos de um curso nas áreas de Engenharia, Arquitetura e Agronomia? Quantos de nossos colegas de profissão não se viram em situações delicadas, sem que nada lhes desse apoio necessário nessas horas difíceis que o destino às vezes nos reserva?

Foi necessário intervir neste quadro e construir alguma coisa que garantisse a segurança social do amplo leque de profissões ao qual nos referimos. O núcleo de onde brotou a idéia original da Mútua foi o Instituto de Engenharia, de São Paulo, que acabou sendo acompanhado pela Federação Brasileira de Associações de Engenheiros (FEBRAE), Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e Federação das Associações de Engenheiros Agrônomo do Brasil (FAEAB).

Deve-se ressaltar que do estreito raio de ação da proposta inicial, até então restrita à criação do Fundo de Assistência para os integrantes do Instituto de Engenharia, de São Paulo, a idéia foi adquirindo formas cada vez mais abrangentes, evoluindo até atingir a dimensão atual.

A MESMA LEI QUE AUTORIZOU A CRIAÇÃO DE UMA MÚTUA (LEI N.º 6.496 DE 7/12/77) TAMBÉM INSTITUIU A "ANOTAÇÃO DE RESPONSABILIDADE TÉCNICA". A UTILIZAÇÃO DA ART — Para o profissional que atua nas áreas em questão, o recolhimento da ART é a melhor forma que ele possui para exercer um controle do seu direito autoral. Todo contrato para execução de obras ou prestação de quaisquer serviços profissionais referente à Engenharia, Arquitetura ou Agronomia é sujeito à ART, o que facilita a comprovação do desempenho curricular dos nossos colegas de profissão.

Além disso, 20% da arrecadação total da ART constitui-se na renda básica da MÚTUA, fazendo com que o recolhimento da ART revista-se também de um caráter eminentemente social. A ART pode ser considerada como um instrumento de redistribuição de rendimentos entre os membros das categorias profissionais vinculadas ao CONFEA, pois parte da sua arrecadação é utilizada na prestação de assistência social aos nossos colegas. Da mesma forma que os contribuintes do Imposto de Renda podem beneficiar-se do Fundo 157, também os profissionais que recolhem ART podem usufruir dos benefícios oferecidos pela MÚTUA, bastando que nela se inscrevam.

AS VANTAGENS QUE A MÚTUA OFERECE AOS SEUS ASSOCIADOS — Os benefícios concedidos aos nossos Mutuários são divididos em dois grandes grupos: sociais e reembolsáveis. No primeiro caso, o beneficiário não precisa repor à MÚTUA nada do que recebeu. No segundo o reembolso do benefício auferido se dá de forma a manter o equilíbrio financeiro da Entidade, sem sacrificar o Mutuário.

BENEFÍCIOS SOCIAIS QUE A MÚTUA OFERECE QUANDO DO FALECIMENTO DE SEU ASSOCIADO — Em caso de falecimento, oferecemos um Auxílio Funeral no valor de 2 VRs (valor de referência) do local de óbito e da data do evento, concedido sob a forma de pagamento único em favor daquele que custear os respectivos encargos. Além disso, os dependentes do Mutuário terão direito a um Pecúlio por Morte no valor de 50 MVRs (maior valor de referência), cujo valor será dobrado em caso de acidente. Ao valor base do Pecúlio serão acrescidas cotas de 2 MVRs a cada 12 meses, ocorrendo o primeiro acréscimo após completado o 24.º mês da data do pagamento da inscrição da Mútua.

BENEFÍCIO SOCIAL NO CAMPO DA SAÚDE — Nossas Sucursais do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília estão oferecendo um serviço ambulatorial médico-dentário gratuitamente, que atende sem burocracia a todos os nossos associados e a seus dependentes. Em breve este benefício será ampliado para outras localidades.

CASO DE O ASSOCIADO SOFRER INVALIDEZ TEMPORÁRIA — Para os profissionais carentes, a Mútua oferece também um Auxílio Pecuniário, por prazo determinado, cujo objetivo é auxiliar nossos colegas que eventualmente passam por situações delicadas.

O QUE É O MVR — Até 1975 era utilizada a variação do salário mínimo para a atualização de vários valores. Por força da Lei n.º 6.205 (29/04/75) essa correção foi substituída pela instituição dos valores de referência (VR), estabelecidos para diversas regiões do país e corrigidos semestralmente (em maio e novembro).

Entende-se por MVR o maior valor de referência vigente no país numa determinada data. Toda mecânica financeira da Mútua, tanto na cobrança das contribuições semestrais quanto na prestação e reembolso de benefícios, está indexada aos Valores de Referência, o que contribui para evitar que a desvalorização da moeda acabe por tornar insignificante os benefícios prestados pela Mútua.

DENTRE OS BENEFÍCIOS REEMBOLSÁVEIS, HÁ UM QUE VISA ASSISTIR A SAÚDE DO MUTUÁRIO E SEUS DEPENDENTES — A Mútua oferece uma carteira de benefício reembolsável de Assistência Médica, Hospitalar, Dentária e Aquisição de Medicamentos, que visa cobrir os gastos excepcionais dos mutuários com sua saúde ou de seus dependentes. O valor deste benefício normalmente oscila entre 5 e 50 MVRs, mas em casos excepcionais a Diretoria Executiva da Mútua pode alterar esses limites. O reembolso do benefício concedido será feito em até 12 cotas mensais, iniciando-se trinta dias após a data da concessão, correspondente sempre ao valor do MVR na data da evolução.

MUITOS PROFISSIONAIS PASSAM ALGUM TEMPO SEM ARRANJAR EMPREGO. COMO A MÚTUA ASSISTE A ESSES CASOS — Existe na Mútua uma Carteira de Auxílio Pecuniário por falta eventual de trabalho, que visa atender nossos associados, afetados por desemprego ocasional. Esse benefício é concedido em até 12 parcelas mensais; seu reembolso será iniciado 30 dias após a concessão da última parcela e terá o valor de 50% dos MVRs, e a nossa preocupação com o desemprego entre nossos colegas está fazendo com que estudemos a implantação de uma Bolsa de Emprego para as áreas abrangidas pela Mútua.

OUTROS BENEFÍCIOS REEMBOLSÁVEIS QUE A MÚTUA OFERECE — Além dos já descritos, temos ainda uma carteira de benefícios de Facilidades na Aquisição de Equipamentos e Livros, e outra que oferece um Plano de Férias no País, ambas com um valor máximo de 50 MVRs. O total de MVRs recebidos e a reposição será iniciada 30 dias após a concessão do benefício.

QUANTO À QUESTÃO DA APOSENTADORIA — Encontra-se em fase de estudos a implantação de uma carteira de complementação de Aposentadoria, que será um benefício adicional facultativo brevemente disponível aos nossos mutuários.

A SITUAÇÃO DA MÚTUA HOJE — Hoje prestamos segurança social a cerca de 8.000 inscritos em todo o Brasil, possibilitando-lhes a necessária tranquilidade no exercício das suas profissões. Nossa base técnico-administrativa está perfeitamente habilitada para acompanhar a extensão das nossas atividades a um universo muito maior do que aquele em que hoje atuamos, e o nosso cadastro geral de mutuários já se encontra num sistema eletrônico de processamento de dados. Em 1980 a Mútua concedeu benefícios no valor total de Cr\$ 5.143.034,75. Já em 1981 o total dos benefícios concedidos atingiu a Cr\$ 91.215.464,76.

COMO FAZER PARA PERTENCER AO QUADRO SOCIAL DA MÚTUA — Basta que o profissional seja registrado no sistema CONFEA/CREAs e que pague a taxa de inscrição no valor de 25% do MVR, quando então passará a receber pelo correio um carnê com as semestralidades a pagar, no valor de 30% do MVR.

Poderão se inscrever em nossas sucursais ou através de Associações de Classe com as quais recentemente celebramos um convênio nesse sentido.

Também para facilitar ao máximo os nossos mutuários mantemos um convênio de cobrança direta com o Banco do Brasil S.A., o que significa que as semestralidades poderão ser pagas até a data do vencimento, em qualquer agência de qualquer Banco de todo o território Nacional.



BOLETIM OFICIAL da

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

SEDE ADMINISTRATIVA: Clube de Engenharia — Av. Rio Branco, 124 - 23º andar — Tel.: 222-4598

SEDE SOCIAL: Escola Nacional de Engenharia — Largo de São Francisco — Tel.: 221-2936

Editado sob a responsabilidade da Diretoria — CIRCULAÇÃO INTERNA — DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

